

ALI SMITH

Suíte em quatro movimentos

Tradução

Caetano W. Galindo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Ali Smith
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
There But For The

Capa
warrakloureiro

Foto de capa

Preparação
Ana Cecília Agua de Melo

Revisão
Jane Pessoa
Márcia Moura

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Smith, Ali, 1962-
 Suíte em quatro movimentos / Ali Smith ; tradução Caetano
W. Galindo. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original: There but for the
ISBN 978-85-359-2423-7

1. Ficção inglesa I. Título.

14-04992

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2014]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

O fato é, imagine um homem sentado numa bicicleta ergométrica num quarto de hóspedes. Ele é um sujeito bem comum, se ignorarmos que por cima dos olhos e também por cima da boca parece estar usando aquelas abas que fecham caixas de correspondência. Olhe mais de perto e os olhos e a boca dele estão separadamente cobertos por pequenos retângulos cinzentos. São como as faixas de censura que os jornais e as revistas punham por cima dos olhos das pessoas em outros tempos, antes de poderem baralhar ou pixelar digitalmente um rosto para apagar a identidade da pessoa a quem pertence aquele rosto.

Às vezes essas faixas, ou barras, ou tarjas, também eram colocadas por cima de partes do corpo que as pessoas não deviam ver, como medida de proteção para o público. Via de regra, elas deviam evitar que a identidade da pessoa da foto fosse definida. Mas na verdade o que faziam era deixar a foto sugerir que alguma coisa ilegítima, desagradável, indelicada, ou coisa pior, tivesse acontecido; elas eram como que prova de alguma coisa indizível.

Quando esse homem da bicicleta mexe a cabeça as tarjinhas se mexem junto com ele como os antolhos de um cavalo se mexem quando o cavalo mexe a cabeça.

Parado ao lado do homem sentado de modo que eles fiquem da mesma altura está um menininho. O menino está lidando com a tarja cinza por cima dos olhos do homem, com uma faca de cozinha.

Au, diz o homem.

Eu estou tentando, diz o menino.

Ele tem cerca de dez anos. Sua franja é longa, ele é bem cabeludo. Está com um jeans de boca larga bordado de amarelo e roxo no cós e uma camiseta azul e vermelha com um Snoopy na frente. Ele força a coisa dos olhos do homem até ela saltar e voar pelos ares quase comicamente e cair no chão com um estrondo metálico.

Essa camiseta é a primeira coisa que o homem da bicicleta vê.

O Snoopy estampado está de pé sobre as patas traseiras e com uma condecoração no peito. A condecoração traz a palavra herói. Sobre o Snoopy há mais palavras, em amarelo e com as letras que são sempre usadas com os personagens do Snoopy. Elas dizem: é a hora dos heróis.

Eu tinha esquecido completamente dessa camiseta, é a primeira coisa que o homem diz assim que o menino arranca a coisa que estava por cima da sua boca.

É, essa é bacana. Mas sabe aquela laranja que diz abraça um beagle?, o menino diz.

O homem faz que sim.

Toda vez que eu uso, é esquisito, mas as meninas sempre me tratam superbem, o menino diz.

O homem ri um sim. Ele olha para os pés, onde os dois retângulos cinzentos caíram. Pega um deles. Sopesa-o com a

mão. Toca os pontos sensíveis em torno dos olhos e nos cantos da boca. Larga o retângulo no chão de novo, estende a mão à sua frente e a flexiona. Olha para as mãos do menino.

Eu tinha esquecido como as minhas mãos eram, ele diz.
São.

Beleza, então a gente já fez isso agora. *Agora* posso te mostrar?, o menino diz, quer aprender *agora*?

O homem faz que sim.

Bacana, o menino diz. Beleza.

Ele pega duas folhas de papel em branco do chão. Dá uma para o homem. Senta na cama e mostra a outra folha de papel erguida.

Então, ele diz. É assim, ó. Você pega uma folha normal A4 e aí dobra no meio. Não, assim. De comprido. E deixe os cantos bem certinhos, pra ficar bem alinhado.

Beleza, o homem diz.

Aí desdobre pra fazer que nem um livro, o menino diz.

Beleza, o homem diz.

Aí dobre um canto, o menino diz, o de cima, e aí dobre o outro. Pra ficar assim, que nem um livro mas com a cabeça triangular. Aí dobre a ponta dobrada pra baixo na sua direção e vinque. Pra ficar que nem um envelope. Aí dobre um canto de novo pra ficar com uma pontinha assim sobrando embaixo. Aí a mesma coisa com o outro. Mas de um jeito que fique uma ponta rombuda, e não pontuda. Quanto mais rombuda melhor.

Peraí, perai, perai, o homem diz. Aguenta aí.

Isso, um triangulozinho saindo pela abertura, o menino diz. Aí você dobra o triangulozinho por cima dos cantos dobrados. Aí dobra pra fora, não pra dentro, pro triângulo ficar de fora. Veja se ficou tudo bem retinho. Aí pegue por cima e dobre pra fazer a primeira asa. Aí vire e faça a mesma coisa com a outra asa. Veja se ficou igualzinho, senão perde o controle.

O homem olha o avião que tem nas mãos. Ele vinca as dobras e depois abre as asas. Por fora, por cima, parece uma folha simples de papel dobrada. Por dentro, por baixo, ele se encaixa apertado em si próprio com uma surpreendente elegância, como um origami, como uma pequena máquina.

O menino ergue seu avião e o aponta para o outro lado do quarto.

E fica assim, ele diz.

Ele voa direto e direito, bem certinho, da mão do menino até o canto.

Aerodinâmico mesmo, o homem pensa. Sólido, pra uma simples folhinha de papel. Parece bem mais pesado do que antes das dobras. Mas não é, né? Como é que poderia ser?

Aí ele mira o seu avião para o outro canto junto à porta. Ele segue sua rota de voo com exatidão. É quase insolente, aquela exatidão.

O homem ri alto. O menino concorda com a cabeça e dá de ombros.

Simples, o menino diz. Está vendo?

LÁ

estava um homem que, entre o prato principal e a sobremesa de um jantar, subiu as escadas e se trancou num dos quartos da casa das pessoas que estavam dando o jantar.

Lá estava uma mulher que tinha conhecido esse homem trinta anos antes, conhecido de passagem durante duas semanas no meio de um verão quando tinham ambos dezessete anos, e não o tinha visto mais depois disso, apesar de terem ocasionalmente, por mais alguns anos, trocado cartões de Natal, esse tipo de coisa.

Neste exato momento a mulher, cujo nome era Anna, estava parada na frente da porta trancada do quarto atrás da qual o homem, cujo nome era Miles, em teoria estava. Ela estava com o braço erguido e a mão pronta para — para o quê? Esmurrar? Bater discretamente? Aquela casa linda, toda arrumadinha, toda sem gracinha não ia tolerar barulhos; cada rangido era uma afronta a ela, e a mulher que era sua dona, exalando desaprovação, estava só meio metro atrás. Mas era seu o punho que lá se erguia, como um clichê anos 1980 de

uma revolucionária, pronta para, bom, nada silencioso. Sovar. Estapear. Sentar o braço.

Expressão esquisita, sentar o braço. Ajoelhar o pescoço. Ela não lembrava muita coisa dele, mas eles nem teriam sido amigos pra começo de conversa se ele não fosse o tipo que gosta de um trocadilho fraco. Será que ele era, ao contrário de Anna neste exato momento, o tipo de pessoa que saberia o que dizer para uma porta fechada se estivesse parado diante de uma tentando fazer alguém do outro lado abrir? O tipo que conseguiria se virar para aquela criança esticada de bruços até onde toda sua pequena pessoa alcançava, dedos dos pés descalços na madeira do piso do corredor térreo e queixo nas mãos sobre o quinto degrau, deitada lá e olhando, e de cara ia soltar o tipo certo de piada, *como chama o cogumelo que ganhou a corrida? Champignon*, assim de cara ia começar a falar sobre coisas tipo de onde é que me surgiu a expressão *sentar o braço*?

A mulher parada atrás de Anna suspirou. Ela deu algum jeito de fazer um suspiro soar cavernoso. Depois o silêncio ficou ainda mais estridente. Anna limpou a garganta.

Miles, ela disse para a madeira da porta. Você está aí?

Mas o balido da sua voz fez com que ela mesma ficasse de alguma maneira menos lá. Ah, olha, é isso — o que faltava era a boa inadequação daquela criança. Meio menino, toda menina, ela tinha se alçado pelos cotovelos, subido escada acima e estava prestes a martelar a porta.

Bang bang bang.

Anna se sentiu atravessada por cada baque como se a criança estivesse martelando em seu peito.

Apareça apareça onde quer que esteja, a criança berrou.

Nada aconteceu.

Abre-te, sésamo, a criança berrou.

Ela tinha se esgueirado por debaixo do braço de Anna para bater. Olhou para ela de lá debaixo do braço.

Isso abre a pedra do lado da montanha, a criança disse. Eles dizem isso na história, por isso a pedra simplesmente abre.

A criança encostou a boca na porta e falou de novo, dessa vez sem gritar.

Toc-toc, ela disse. Quem está lá?

Quem está lá?

Havia vários motivos naquele momento específico da vida de Anna Hardie para ela estar se perguntando o que significava, para ela, estar *lá*.

Um era o emprego, de que ela acabava de desistir, naquilo que ela e os colegas chamavam rindo de Relações Póbricas, naquilo que ela e os colegas só meio rindo chamavam de Centro de Permanência Temporária (ou, alternativamente, Centro de Temporariedade Permanente).

Outro era que Anna tinha acordado em plena meia-noite umas semanas atrás aos plenos quarenta anos, de um sonho em que viu seu coração batendo no meio do peito. Ele estava com muita dificuldade de bater porque estava todo coberto de uma gosma feita do que pareciam ser aquelas sujeiras que a gente tira do canto do olho de manhã quando acorda. Ela acordou, sentou e pôs a mão no coração. Aí levantou, foi até o espelho do banheiro e olhou. Lá estava ela.

A expressão a fez lembrar de uma coisa que o Denny do *Evening News*, com quem ela trabalhou em uns artigos sobre uniões do bairro e com quem teve uma breve união, disse um tempo atrás, no segundo e último almoço dos dois. Ele era um querido, o Denny. Tinha se posto diante dela na cozinha dela, na primeira vez deles, e lhe apresentado seu pênis de um jeito

bem querido, melancólico e esperançoso ao mesmo tempo, um tanto lamentando a ereção e ao mesmo tempo orgulhoso dela; ela gostou disso. Ela gostou dele. Mas foram só dois almoços, e os dois sabiam disso. Denny tinha mulher, o nome dela era Sheila, e as duas meninas e o menino estavam na Clermont High. Anna fez um bule de chá, colocou leite e açúcar na bandeja porque não sabia direito como ele tomava, levou tudo para cima e se meteu de novo na cama. Era uma e quinze. Eles tinham pouco menos de meia hora a mais. Ele perguntou se podia fumar. Ela disse beleza, já que era o último almoço. Ele sorriu. Aí ele se virou na cama, acendeu o cigarro, mudou de assunto. Ele perguntou será que ela sabia que ele conseguia resumir as últimas seis décadas de jornalismo em seis palavras?

Manda ver, ela disse.

Eu estava lá. Lá estava eu, ele disse.

Era um lugar-comum, ele disse. Na metade do século xx toda reportagem importante dizia assim: *Eu estava lá*. Hoje em dia: *Lá estava eu*.

Logo iam ser sete palavras, Anna disse. O novo século já tinha acrescentado uma sétima palavra. *Lá estava eu, galera*. Ela e Denny riram, tomaram chá, vestiram as roupas de novo e voltaram a seus diferentes empregos. A última vez que eles se falaram tinha sido uns meses atrás, sobre como lidar com aquela história dos meninos do bairro que tinham dado urina para as crianças do abrigo em garrafinhas de limonada, para elas beberem.

Em plena meia-noite, uns meses mais tarde, segurando o coração, sentindo nada, Anna se olhou no espelho do banheiro. Lá estava ela. Era a coisa do lá-estava-ela.

Lá estava ela de novo, então, duas noites atrás, sentada diante do laptop numa noite de verão com os ruídos de Wimbledon vindo das tvs dos vizinhos pelas janelas abertas de

todas as casas ao redor. Wimbledon estava na tv dela também. O som da tv dela estava baixo. Fazia sol em Londres e a grama de Wimbledon ainda estava bem verdinha, só um tantinho ralada. A tela da tv cintilava sozinha atrás da tela do laptop. Barulhos de pocs e uhs e ahs, estranhamente desconectados das fontes, acompanhavam os barulhinhos que ela estava fazendo no teclado. Era como se o mundo inteiro lá fora fosse trilha sonora de tv. Quem sabe era uma nova psicose, Psicose de Tenista (PT), em que você passa a vida achando que uma plateia está sempre te olhando, profundamente tocada por cada movimento seu, reagindo a cada reação sua, cada momento momentoso, com alegria/empolgação/decepção/*Schadenfreude*. Era de imaginar que todos os tenistas profissionais tivessem uma coisa assim, e quem sabe em alguma medida todo mundo que ainda acreditava em Deus. Mas será que isso significava que as pessoas que *não* tinham isso de alguma maneira estavam menos *lá* no mundo, ou então *lá* de um jeito diferente, porque se sentiam menos observadas? Dava na mesma rezar pro deus dos tenistas, ela pensou. Dava na mesma pedir para *aquele* deus em vez de qualquer outro pela paz no mundo, pra cuidar da gente, pra fazer todos os passarinhos que já morreram, que já viraram pó via pequenos morrinhos de penas e ossinhos ocos esfarelados, ressuscitarem, empoleirar todos eles na soleira daquela janela naquele exato momento, os pequenos na frente e os grandes atrás, e fazer todos cantarem um coro empolgante de “Bye Bye Blackbird”, que era uma música que o pai dela gostava de assobiar quando ela era menininha, e que ela não escutava fazia muitos anos. Ninguém aqui pra me amar ou me entender. Ah quanta história triste eles me contam. Era isso a letra? Alguma coisa de histórias tristes, pelo menos. Bem quando ela estava para procurar a letra na internet um e-mail chegou fazendo plim na caixa de entrada dela com um trinadinho eletrônico.

O e-mail novo era um bem comprido que Anna quase pensou ser um daqueles de por-favor-transfira-dinheiro-para-esta-conta-porque-eu-estou-morrendo-e-preciso-que-vo-cê-me-ajude. Mas ela segurou o dedo acima do delete quando algo ali chamou sua atenção. Estava endereçado a ela com o primeiro nome certo mas a inicial errada do sobrenome. *Cara Anna K*. Era ela e ao mesmo tempo não era, o nome. Mais: alguma coisa ali fazia ela se sentir em super-8, em polaroide. Aquilo lhe dava uma sensação como a que a palavra verão dava. Acima de tudo aquilo lhe lembrava um velho volume da Penguin com a lombada toda rachada, de um clássico de Kafka, isso, Franz Kafka, que ela tinha lido no verão quando tinha dezesseis ou dezessete anos.

Cara Anna K

Estou te escrevendo porque eu e meu marido estamos sem saber o que fazer e estamos pedindo a Deus que você consiga nos ajudar.

Dez dias atrás nós convidamos Miles Garth, que eu acredito que você conheça, para um jantar aqui na nossa casa em Greenwich. Ele é amigo de uma pessoa que nós conhecemos, de fato nós mal sabemos quem ele é, e é por isso que essa situação é tão difícil e de fato insustentável como você pode imaginar. Para encurtar a história o sr. Garth se trancou no nosso quarto de hóspedes. Eu só agradeço o quarto ser suíte. Ele não quer sair do quarto. Ele não somente se recusa a destrancar o quarto e ir para sua própria casa, sabe lá onde. Ele se recusa a falar com viuvalma. Agora já faz dez dias, e o nosso inquilino insustentável só se comunicou através de 1 folha de papel enfiada por debaixo da porta. Nós estamos enfiando pacotinhos chatos de peru e presunto quase transparente por baixo da dita porta para ele, mas não podemos lhe dar qualquer coisa mais dimensional por conta do tamanho do espaço entre a dita porta e o piso. (A porta do nosso quarto de hóspedes, e na verdade todas as portas do primeiro

andar são supostamente do século XVIII embora a casa propriamente dita seja dos anos 1820, você pode entender a minha preocupação, e as dobradiças ficam por dentro. Tenho motivos para crer que ele também travou a maçaneta da porta do séc. XVIII com uma cadeira.)

Eu/nós não tenho/temos a mais remota ideia de por que o sr. Garth decidiu se entocar na nossa casa, certamente não tem nada a ver comigo e nada a ver com o meu marido ou a minha filha. Como você pode imaginar dez dias é bastante tempo no fim das contas. Nós tentamos os colegas de trabalho dele mas nada funcionou.

Nós não queremos no entanto ser desagradáveis. Nós no presente momento estamos empregando uma abordagem de mansinho, também aconselhados pelos conselhos da polícia.

É por isso que eu/nós estou/estamos entrando em contato com você enquanto um dos poucos Próximos que pudemos localizar para o sr. Garth. Tivemos a sorte de encontrar esse seu endereço de e-mail na agenda do celular que ele não levou para o nosso quarto de hóspedes mas deixou com o paletó e as chaves do carro na nossa sala de estar.

Nós colocamos o carro dele temporariamente na frente da casa de um amigo mas ele não pode ficar lá indefinidamente (a princípio tinha ficado eu acho ilegalmente numa Vaga de Morador).

Se você puder ajudar meu marido e eu de qualquer maneira ou de qualquer modo eu/nós ficaria/ficaríamos muito grata/gratos. O número do nosso telefone está embaixo dessa mensagem. Eu agradeceria muito se você pudesse entrar em contato o quanto antes nem que seja apenas para informar que recebeu esta mensagem mesmo que não possa ajudar de fato nessa situação.

Muitíssimo obrigada mesmo e eu/nós espero/esperamos uma resposta sua.

Att.

Gen Lee

(Genevieve e Eric Lee)

Quem era Miles Garth mesmo?

Miles.

Ah.

Quando a gente foi pra Europa.

Anna leu tudo de novo.

Ele se recusa a falar com viúvalma.

Naquela noite ela percebeu que em vez de pensar (como fazia toda noite quando o dia escurecia e toda manhã quando o dia clareava) no trabalho, e nos rostos, um depois do outro, das pessoas que tinha decepcionado, ela estava obcecada por essa imagem, uma alma que perdeu seu par, viúva de outra alma.

Antes de ir dormir ela digitou o seguinte, e enviou.

Cara sra. Lee,

Obrigada pelo seu e-mail. Que situação mais estranha. Mas eu receio que a senhora possa estar batendo na porta errada, já que eu não conheço realmente Miles Garth ou a vida dele, pois só convivi brevemente com ele e há muito tempo, nos anos 1980. Não sei se posso ajudar. Mas se vocês acharem que sim, estou disposta a tentar. O que vocês querem que eu faça?

Grande abraço,

Anna Hardie.

Agora tinham se passado dois dias.

Miles, ela disse para quem quer que estivesse do outro lado da porta. *Você está aí?*

Onde exatamente estava Anna, então, que tinha entrado num trem lotado naquela manhã ao lado de um cara com um casaco impermeável que estava assistindo pornografia na tela do celular? Ela tinha atravessado a capital passando por cartazes na estação do metrô que anunciavam *O Orgulho e*

Reparação Desta Temporada e por debaixo de anúncios no vagão do metrô com a imagem de um cesto de lixo de cozinha com um balão que saía da sua boca dizendo *É Meu Direito Comer Lata* e embaixo palavras que diziam *Negue os Direitos ao Seu Cesto de Lixo*. Ela tinha decidido caminhar entre as estações e viu a catedral de St. Paul se erguer à superfície da margem do rio como um pedaço de cartilagem envelhecida. Havia passado de trem por um lugar que tinha a cara que o futuro tinha quando ela era criança. Agora ela estava andando por uma rua quente de verão com lindos prédios e casas chiques envelhecidas tentando lembrar de novo o que Greenwich significava, que tinha alguma coisa a ver com a hora. Quando chegou ao endereço certo, uma criança com um vestido de um amarelo bem forte por cima de uma calça jeans estava sentada no último degrau pegando pedrinhas de uma elegante linha de pedrisco que flanqueava a porta. Ela estava assobiando um pedacinho repetitivo que parecia um pouco aquela música do *Mágico de Oz* e jogando as pedras num bueiro da rua, supostamente tentando acertar entre as barras da grade. A tampa do bueiro e a rua em torno dela estavam pontilhadas de pedrinhas brancas.

Oi, Anna disse.

Eu sou brusca, a criança disse.

Eu também, Anna disse.

Mesmo?, a criança disse.

Mesmo, Anna disse. Totalmente. Que coincidência. Você não está com calor com esse monte de roupa?

Não, a criança disse se esticando para tocar a campainha. Porque parece que eu não estou fazendo justiça a mim mesma quando não uso tudo.

Mas foi uma mulher branca, vestindo tons beges e brancos veranis, quem abriu a porta. Ela afastou a criança e estendeu a mão para apertar a mão de Anna.